

# REPRESENTAÇÕES DE VIVÊNCIAS: UMA VISÃO DO HOMEM ENQUANTO SER QUE ESTÁ ETERNAMENTE EM QUESTÃO NAS CRÔNICAS DE ANTONIO LOBO ANTUNES.

*Francisca Marciely Alves Dantas (Bolsista PIBIC/UFPI), Maria Elvira Brito Campos (Orientadora, Departamento de Letras/ UFPI), Luizir de Oliveira (Colaborador, Departamento de Filosofia/ UFPI)*

## Introdução

O estudo em questão tem o intuito de delimitar os resquícios existencialistas na Literatura Portuguesa Contemporânea. Desse modo, a escrita enternecedora de Antonio Lobo Antunes permite captar instantes conscienciosos em que se pode visualizar a “angústia” diante da liberdade de escolha. A partir da observação dos personagens e do narrador e a forma como estes se desdobram poeticamente na instância narrativa é possível visualizar o viés filosófico sartriano. Considerando isso, as crônicas antunianas nos comportam trazer à reflexão o mal-estar do homem pós-moderno e sua complexa desordem íntima instigado pelo caráter efêmero de suas experiências.

O confronto existencial, condensado a partir da dimensão do tempo, causa no ser estranhamento e conflito engendrando interrogações que o lançam ao embate de si por si mesmo. Tema discutido desde a Antiguidade, partindo da filosofia socrática, a responsabilidade do homem diante das suas escolhas contempla um estágio autêntico do “viver humano”, desvendando a condição plena do existir.

Contudo, a inevitável passagem do tempo acaba por provocar no indivíduo sensações desconhecidas que o impelem ao abismo da própria existência. Desse modo, o fio condutor da investigação se ocupará em esclarecer de que maneira o temporal interfere na existência do ser, relacionando os conceitos e categorias ontológicas acerca do pensamento da existência. As obras *O ser e o nada* (SARTRE, 2008) e *Ser e tempo* (HEIDEGGER, 2002) fundamentam o estudo aqui proposto, buscando circunscrever os estágios ontológicos: *em-si*, *para-si* e *para-outrem*, explicitando o que podemos caracterizar de subjetivismo do ser.

## Metodologia

O estudo foi desenvolvido a partir de pesquisas bibliográficas, fichamento dos textos teóricos e posterior discussão e reflexão em grupo sobre os textos lidos. Ao longo do estudo, foram observadas as categorias filosóficas que constituem investigação sobre os grandes temas existenciais. Inicialmente, as leituras dos textos teóricos foram feitas por todos os participantes e, posteriormente a leitura e análise das crônicas de Antonio Lobo Antunes, buscando exteriorizar o que ficou do Existencialismo.

## Resultados e discussão

As crônicas que compõem o corpus do projeto ora apresentado fazem parte do *Segundo Livro de Crônicas*, lançado em 2002, sendo este uma compilação de textos escritos e publicados no Jornal Português Público, e na Revista Visão. São temas recorrentes nas crônicas de Antonio Lobo Antunes a autobiografia, o resgate da memória, a busca pelo tempo perdido, os confrontos imagéticos dos sujeitos líricos diante do espelho da existência. Para tanto, aqui foram analisadas as crônicas *Em caso de acidente* e *Antonio 56 ½*, ambas publicadas em 2002, sublinhando ângulos pouco iluminados por outras correntes críticas, e elucidando pontos de convergência entre a Literatura e a Filosofia, propondo-se, dessa forma, um saber inter-relacional com outras áreas do conhecimento.

Buscando um sentido filosófico-literário nas crônicas citadas anteriormente observa-se um percurso consciencioso trilhado pelo narrador e personagem, a partir daquilo que é experienciado por ambos na instância narrativa. Temos então, o narrador que põe a própria existência em questão e que acaba por fechar um círculo dialético, partindo de posições que se distanciam e se aproximam do personagem que é modelado em seu discurso. Assim, apreende-se nas crônicas analisadas movimentos que balizam uma voz narrativa frágil, revelando encontros e desencontros, a partir da relação do narrador “consigo mesmo” e com o “outro”.

Os personagens são situados num tempo e espaço arquitetados pelo narrador, servindo como paradigmas de uma construção humana despedaçada. Porém, o que se percebe nesse labirinto poético é a convergência de pontos que iluminam e faz pensar nas diversas representações humanas propiciadas pelas escolhas. Representações que ora se manifestam de maneira autêntica ora se disfarçam, porém não escondem a face do indivíduo como um ser que tem consciência das ações que realiza.

Em seus estudos filosóficos Sartre aponta os estágios que perfazem a consciência e constituem categorias que definem a ontologia do ser. Tomando como pano de fundo a investigação fenomenológica sartriana, o narrador apresenta o personagem como um “objeto” de suas reflexões, apontando os desvios de sua existência. Isolado do universo que o circunda, o personagem se encontra em *ser-em-si*, uma vez que não se reconhece conscientemente com um ser existente e capaz de tomar decisões.

Esse não reconhecimento de si mesmo faz com que o personagem se torne aos olhos do outro um modelo de vivência passível de julgamentos. O narrador ora se abisma com as atitudes tomadas pelo personagem ora compartilha desses mesmos sentimentos, desvendando, assim, as contradições que circundam a existência. O *ser-para-outro* se constitui nessa ponte entre o “eu” e o “outro”, em que a voz que narra se desdobra poeticamente no *ser-para-si* e no *ser-para-outro* em determinados momentos da crônica. Nesse sentido, “pelo olhar, experimento o Outro concretamente como sujeito livre e consciente” (SARTRE, 2008, p. 348), e é dessa forma que o narrador se configura na trama de Antonio Lobo Antunes apossando-se do outro e experimentando sua subjetividade, desejando a sua infinita liberdade.

E é essa percepção do outro e da existência que põe limite à liberdade do narrador e faz com que o mesmo perceba uma nova dimensão humanística para si. É como se

por um instante, o narrador sentisse o mesmo desespero vivenciado pelo personagem e compreendesse as agruras do existir e a facticidade que lhe são inerentes. Desse modo, narrador e personagem visualizam um clímax trágico: *o tempo rouba nosso próprio tempo*. E aqui se delineia um pensamento inautêntico, pois não há nada que constitua limite à liberdade que esteja além da própria liberdade, nem mesmo o tempo.

A existência por si só se faz trágica, existir exige do indivíduo um comprometimento profundo com as escolhas eleitas, pois “ser livre é ser-livre-para-mudar” (SARTRE, 2008, p. 263). A cada instante que passa é acertada ao homem a liberdade de se fazer, de se projetar rumo a um porvir e construir sua própria história, arriscando-se e se arremessando junto à incerteza que permeia cada ato decisivo, uma vez que para sentir “o fogo e o sangue tornava-se necessário que ele ardesse e sangrasse”. (ANTUNES, 2002, p.18) E é esse extravasamento da essência humana que singulariza cada ser como o único e responsável por suas escolhas.

## **Conclusão**

O estudo das crônicas *Em caso de acidente* (2002) e *Antonio 56 ½* (2002) aqui apresentado possibilitou, através do viés filosófico, uma leitura reflexiva e diversa sobre o texto literário. No entanto, o que chama a atenção na linguagem tensionada de Antonio Lobo Antunes é maneira como o autor transforma “o trivial” em escritos que tematizam questões fundamentais do ser humano, tornando dizíveis os sentimentos líquidos que atormentam o homem em sua busca pelo porvir. A condição humana torna-se objeto poético constante em sua escritura, em especial em suas crônicas, trazendo à luz reflexões que permeiam a liberdade e o poder de escolha, sinalizando uma subjetividade que somente por meio da arte é possível alcançar em sua inteireza.

As crônicas que foram analisadas demonstram a maneira como o personagem e o narrador se comportam diante do exame de sua existência na tessitura poética. Relativamente a isso, temos o confronto demasiadamente humano entre o indivíduo e o próprio tempo. Porém a angústia diante do instante que passa e que não volta mais é decorrente das constantes escolhas que o ser humano está condenado a realizar. O indivíduo está permanentemente se escolhendo e diante dessas decisões acertadas ou não, resta apenas a incerteza. E são essas ações que revelam o conceito de liberdade ontológica, transformando e construindo o cenário existencial do homem diante do mundo que o circunda, despontando as diversas cenas representativas que o mesmo pode assumir, a partir de seus atos.

Nesse sentido, as posições assumidas tanto pelo personagem quanto pelo narrador que se lançam nas crônicas de Antonio Lobo Antunes vão ao encontro do que Sartre investigava em seus postulados. Colocando em paralelo o aporte teórico e o texto literário, o estudo proposto apresentou o comparativo dos estágios existenciais (*em-si*, *para-si* e *para-outro*) e as representações de vivências a que estavam fadados os sujeitos ficcionais da narrativa poética, a saber, narrador e personagem. Isso se torna possível pelo fato de que a

cada instante, por meio de escolhas, o homem se faz no mundo e põe em questão a sua própria liberdade.

**Apoio:** Núcleo de Estudos Portugueses.

### **Referências**

ANTUNES, Antonio Lobo. *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

FLORY, Suely Fadul Villibor. *O Leitor e o labirinto*. São Paulo: Arte e Ciência, 1997.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Parte I. 12ª ed. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

SARTRE, Jean – Paul. *O Ser e o nada*. Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. *O Existencialismo é um humanismo*. Tradução e notas de Vergílio Ferreira. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

**Palavras-chave:** Literatura. Crônica. Existencialismo.